

Crise na educação e suas interfaces curriculares

Crisis in education and its curricular interfaces

La crisis de la educación y sus interfaces curriculares

Flávia Regina Schimanski dos Santos¹

Natasha Yukari Schiavinato Nakata²

Marta Regina Furlan³

Resumo

Este estudo resulta de construções teóricas e reflexões do conhecimento curricular relacionado à educação, desenvolvidos em uma disciplina de um curso de Pós-graduação. O texto busca refletir sobre as questões curriculares e suas relações com a crise na educação da modernidade, tendo como referência estudiosos do campo de conhecimento curricular e as contribuições da pensadora alemã Hannah Arendt. Ainda, elucida os tipos de currículo e suas respectivas intenções inseridas em seus modelos pedagógicos, métodos didáticos, métodos de pesquisa, concepções de mundo, de conhecimento, de educação, de escola e de avaliação. O percurso metodológico se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica em uma abordagem qualitativa. Os resultados apontam que, com a crise da autoridade que se estabeleceu na modernidade atingindo todas as instâncias da sociedade, o campo da educação em seus processos formativos e educacionais viram-se imersos em uma crise que, desde o século XX quando apareceu no totalitarismo, vem se alastrando mundialmente. Desse modo, justifica-se a necessidade de aprofundamentos teóricos nas questões curriculares do nosso tempo, na intenção de conceber um currículo cada vez mais multicultural considerando de fato a nossa realidade.

Palavras-chave: Educação; Currículo; Crise na Educação.

Abstract

This study results from theoretical constructions and reflections on curriculum knowledge related to education, developed in a discipline of a graduate course. The text seeks to reflect on curriculum issues and its relations with the crisis in contemporary education, with reference to scholars in the field of curriculum knowledge and the contributions of the German thinker Hannah Arendt. It also elucidates the types of curriculum and their respective intentions inserted in their pedagogical models, didactic methods, research methods, conceptions of the world, of knowledge, of education, of school, and of evaluation. The

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina/PR. E-mail: flaviaschimanski@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4583-0193>

² Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina/PR. E-mail: naaschiavinato@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7455-8504>

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina/PR. E-mail: mfurlan.uel@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>

methodological path was by means of bibliographic research in a qualitative approach. The results point out that, with the crisis of authority that has been established in modernity, affecting all instances of society, the field of education in its formative and educational processes has been immersed in an educational crisis that, since the 20th century when it appeared in totalitarianism, has been spreading worldwide. Thus, the need to deepen the theoretical understanding of curricular issues of our time is justified, with the intention of designing an increasingly multicultural curriculum considering our reality.

Keywords: Education; Curriculum; Crisis in Education.

Resumen

Este estudio es el resultado de las construcciones teóricas y reflexiones de los conocimientos curriculares relacionados con la educación, desarrollados en una disciplina de un curso de postgrado. El texto pretende reflexionar sobre la problemática del currículo y sus relaciones con la crisis de la educación contemporánea, con referencia a los estudiosos del conocimiento del currículo y a las aportaciones de la pensadora alemana Hannah Arendt. Asimismo, dilucida los tipos de currículo y sus respectivas intenciones insertas en sus modelos pedagógicos, los métodos didácticos, los métodos de investigación, las concepciones de mundo, conocimiento, educación, escuela y evaluación. La ruta metodológica fue a través de una investigación bibliográfica en un enfoque cualitativo. Los resultados señalan que, con la crisis de autoridad que se ha instaurado en la modernidad alcanzando a todas las instancias de la sociedad, el campo de la educación en sus procesos formativos y educativos se vio inmerso en una crisis educativa que, desde el siglo XX, cuando apareció en el totalitarismo, se ha ido extendiendo por todo el mundo. Así, se justifica la necesidad de profundizar teóricamente en los temas curriculares de nuestro tiempo, con la intención de diseñar un currículo cada vez más multicultural teniendo en cuenta nuestra realidad.

Palabras clave: Educación; Curriculum; Crisis en la educación.

Introdução

Nossas construções e reflexões do conhecimento da concepção de currículo, pressupõem que, em sua amplitude, trata-se de um elemento identitário do interior do processo de ensino e de todas as atividades que se desenvolvem em instituições educativas. Vale ressaltar o caráter ideológico que permeia o currículo, pois, nele, se relacionam *poder* e *saber* e, também, as relações sociais são estruturadas (SACRISTÁN, 2013). Visto que, além de uma referência para a gestão, currículo é identidade, é uma construção comprometida com as lutas e relações sociopolíticas, por isso é um documento que precisa ser elaborado com princípios e valores democráticos e significativos para o ensino e, sobretudo, para o tipo de ser humano e de sociedade que se espera para uma vida igualitária e justa.

As concepções de mundo, de homem, de educação, de sociedade, entre outras, vão se modificando na medida em que o modelo de sociedade, de ideologia e cultura se transformam. Do mesmo modo, o currículo é impactado por essas transformações sociais, podendo gerar melhorias, conflitos ou até mesmo uma crise educacional. É oportuno tratar de currículo considerando que a sociedade atual está constituída em um espaço cada vez mais multicultural, por isso, “[...] implica respeitar, valorizar, incorporar e desafiar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares” (MOREIRA, 2000, p. 3). A elaboração de um currículo ocupa um espaço desafiador nas ações educativas e, assim, tais questões necessitam de um olhar atento para as demandas do nosso tempo.

Por essa razão, o texto objetiva refletir sobre as questões curriculares e suas relações com a crise da educação da contemporaneidade, tendo como referência estudiosos do campo de conhecimento curricular e das contribuições teóricas de Hannah Arendt a respeito da Crise na Educação. Ainda, elucida os tipos de currículo e suas respectivas intenções inseridas em seus modelos pedagógicos, métodos didáticos, métodos de pesquisa, concepções de mundo, de conhecimento, de educação, de escola, de avaliação. Esse percurso foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica a partir dos textos estudados na disciplina e de uma busca na literatura relativa a questões curriculares desenvolvidas por estudiosos da área. O estudo seguiu uma abordagem qualitativa.

Currículo e educação: concepções e objetivos

Existem várias definições e conceitos sobre currículo, porém, mesmo sendo um campo de estudos e conhecimento especializado, não possui um consenso entre os autores, que estudam a temática, sobre a definição e seu conceito, deixando o leitor, muitas vezes, em dúvida sobre o que realmente significa devido a sua complexidade. O que existe, entre os autores que se debruçam na temática, é o consenso em relação ao seu objeto de estudo, que diz respeito a uma natureza prática e ligada à educação, e tem-se uma metodologia acordada e o caráter interdisciplinar nas ciências sociais e humanas (SANTOS, 2016).

Apesar da falta de consenso sobre um conceito e definição único, considera o fato como um dos aspectos positivos do pensamento curricular, porque envolve os especialistas na área em uma problematização cada vez mais intensa:

A existência de diversas teorias curriculares – inclusive, contraditórias – não é um fator que diminua a importância dos Estudos Curriculares, nem tampouco que coloque a necessidade de uma teoria unificadora, mas, pelo contrário, é um argumento a favor da diversidade e problemática do respectivo campo de estudo (PACHECO, 2005, p. 80).

Ademais, tal falta de consenso pode favorecer um avanço significativo nos estudos sobre currículo, instigando os estudiosos da área a envolverem-se cada vez mais em uma contínua construção de conhecimentos relacionados às questões curriculares, sem estagnar em uma compreensão unificadora, pois a visão de currículo de cada um, depende diretamente das suas abordagens e concepções.

De acordo com Pacheco (2005), a origem do termo “currículo” se deu em 1663, tendo como significado de um curso, especificamente um curso regular de estudos na escola ou universidade. Suas referências são da antiguidade clássica, no entanto, a palavra currículo é de origem recente e significa "organização do ensino", que quer dizer o mesmo que disciplina. Moreira (1990) elucida que a palavra currículo deriva do latim “*curriculum*” percurso, carreira, curso, ato de correr. Daí a característica de ser algo planejado e implementado para atingir as intenções previstas dos objetivos e dos conteúdos a serem ensinados nas instituições educativas. É oportuno considerar todos os aspectos sociais e culturais que envolvem o contexto em que determinado currículo é elaborado.

Conforme considera Moreira (2001, p. 5), o “currículo é visto como território em que ocorrem disputas culturais, em que se travam lutas entre diferentes significados do indivíduo, do mundo e da sociedade, no processo de formação de identidades”. Sendo assim, o currículo é elaborado a partir de relações de poder, e legitimado de acordo com a ideologia e as concepções de mundo das classes dominantes da estrutura social vigente, pois, por meio do currículo também se formam identidades. Em se tratando do ambiente escolar, a padronização de identidades se dá desde a primeira infância.

O currículo é um referencial utilizado para que aconteça a construção do conhecimento por meio do ensino-aprendizagem:

Um currículo não se constitui sempre da mesma forma e por disciplinas isoladas, mas pela interação dos conteúdos desde o mais simples e geral até o mais complexo e particular [...] é guiado por questões sociais, políticas e epistemológicas e considerado um artefato social e cultural (PALMA, 2010, p. 27).

Essa perspectiva sinaliza que o currículo é algo que deve ser estruturado de modo que não haja a fragmentação das disciplinas, mas que estas estejam interligadas para que não haja a fragmentação do ensino, refletindo em uma educação que tenha como princípio a formação do sujeito em sua totalidade. Desse modo a elaboração de um currículo precisa ser dinâmico e contínuo sempre em consonância com o contexto.

Ademais, é importante que em todo processo de construção curricular sejam pautadas nas decisões de propostas de intervenção didática como: o que ensinar (objetivos gerais e conteúdos para cada ano ou ciclo); quando ensinar (objetivos mais específicos e programação didática); como e com o que ensinar (opções metodológicas, materiais e recursos curriculares) e o quê, como e quando avaliar (critérios e modelos de avaliação do processo ensino e aprendizagem).

Dado algumas conceituações sobre currículo, é importante ressaltar que questões curriculares relativas ao ambiente escolar, podem ser distorcidas ao serem analisadas por profissionais de outras áreas, por se tratar de um nome comum no mercado de trabalho, cuja função é descrever aptidões e habilidades para determinada vaga de emprego. É certo que para o campo da educação também há um propósito de descrição. Entretanto, não há um consenso entre os estudiosos da temática a respeito do conceito e da definição de currículo – assim como em diversas áreas do conhecimento – desse modo, muitos autores expressam diferentes concepções no que se refere ao currículo e às questões curriculares.

Tal fato pode confundir o leitor sobre o que significa o termo currículo devido sua complexidade. Bueno (1996) aponta que o currículo pode ser uma documentação de diplomas, de títulos, disciplinas de um curso escolar e trabalhos acadêmicos desenvolvidos. Sendo assim, uma das características do currículo constitui a descrição do percurso acadêmico dos indivíduos, como participação de cursos, eventos e palestras, publicações de pesquisas, autoria de livros, entre outras atividades.

No entanto, ao pensar currículo no campo da Educação, seus objetivos vão além do mero papel descritivo de ações que foram realizadas. O documento tem como principal função orientar as ações, atividades e objetivos das instituições educativas, a partir da organização curricular que estrutura os cursos. Trata-se de um elemento planejado e implementado na base do cumprimento das intenções previstas.

Isto posto, é oportuno refletir que em cada objetivo a ser cumprido pela educação há sempre um interesse ideológico oriundo de um pequeno grupo que detém o poder na

sociedade, como defende Lara (2007), o currículo exerce uma função política na sociedade, isto quer dizer que está a serviço de quem controla e molda a estrutura social, tendo seu sentido modificado a medida do tempo e das transformações ideológicas, culturais e das relações de poder.

Esses aspectos necessitam ser considerados ao estudar currículo, bem como suas intenções que são inseridas em seus métodos de pesquisa; nos modelos pedagógicos; nas concepções de mundo, de conhecimento, de educação, de metodologia e nas teorias que se pautam, o que nos demonstra a importância do documento curricular para a educação e, sobretudo, a ação que se concretiza a partir ou para além do currículo. Desse modo, é essencial compreender a concepção de educação e de conhecimento adequados para serem o suporte do currículo nas instituições educativas e até mesmo para podermos nos situar da relação estabelecida atualmente entre currículo e educação.

A análise dos modelos curriculares bem como suas concepções e objetivos, se pautarão na organização proposta por McNeil (2001), que classificou o currículo em quatro abordagens: Acadêmico; Humanista, Tecnológico e Reconstrucionista. Tais abordagens foram construídas ao longo do tempo de acordo com as transformações dos processos históricos, atendendo a interesses e objetivos, conforme já mencionado.

Quadro 1 - Síntese dos tipos de currículo organizados por McNeil (2001)

TIPOS DE CURRÍCULO	DE	Acadêmico	Humanista	Tecnológico	Reconstrucionista Social
MÉTODO DE PESQUISA		Positivismo	Fenomenologia	Positivismo	Dialética
MODELO PEDAGÓGICO		Empirismo	Construtivismo	Empirismo	Materialismo Histórico Dialético
		Diferentes formas de transmitir o	Construção de conhecimento	Experimentos que possam ser	Orientada para a pesquisa, para a

METODOLOGIA	patrimônio cultural; cada disciplina um método próprio	pela interação entre sujeito e objeto por meio de eixos temáticos	controlados e reproduzidos; Estímulo e resposta	problematização com vistas a transformação social
CONCEPÇÃO DE MUNDO E SOCIEDADE	Aquisição científica e cultural transmitida pela educação	Construído a partir das experiências e percepções de cada sujeito;	O mundo e a sociedade devem ser planejados; moldam e preservam o comportamento dos sujeitos	Homem e mundo são considerados conjuntamente; o homem cria a cultura na medida em que reflete seu contexto de vida
CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO	A educação é uma transmissão necessária para o desenvolvimento do homem; o conhecimento é desenvolvido pela atividade mental.	O conhecimento está relacionado com as dimensões cognitivas e emocionais; a educação objetiva um sujeito crítico, autônomo e responsável por suas ações.	A educação é um interesse social voltada para o mercado de trabalho; o conhecimento é interiorizado por reforço; se aprende aquilo que é valorizado socialmente.	A educação é o processo de promover os sujeitos e não o ajustar à sociedade; o conhecimento é construído na historicidade. Educar é um ato político.

Fonte: As próprias autoras (2022).

No caso do Currículo Acadêmico, trata-se do modelo que possui maior tradição histórica, tendo como principal base o conhecimento. Essa abordagem, torna o conhecimento um patrimônio cultural e cabe à educação transmiti-lo às futuras gerações. Já no Currículo Humanista – oriundo da Escola Nova – a escola deve elaborar o currículo de modo a considerar a realidade dos alunos e não apenas, transmitir os conhecimentos, mas possibilitar experiências que contribua para o desenvolvimento da consciência, da libertação e da

autorrealização. Logo, McNeil (2001) aponta que ao contrário da ênfase no conteúdo como no caso do currículo acadêmico, no humanista a atenção se desloca para o indivíduo.

Em relação ao Currículo Tecnológico, o mesmo autor explica que este tem como objetivo a transmissão de conhecimentos, práticas sociais e comportamentos éticos. Sua base teórica é a tendência tecnicista, assim na relação de ensino e aprendizagem o professor é o “detentor” do conhecimento e tem como função planejar e controlar o processo educativo que será transmitido aos seus alunos – os quais devem absorver a eficiência técnica.

O Currículo Reconstrucionista Social tem como fundamento o Materialismo Histórico-Dialético e preocupa-se com a transformação social e a formação crítica do sujeito. McNeil (2001) elucida que esse modelo curricular concebe homem e mundo de forma interativa. Isso significa que o papel da educação nessa perspectiva é o de provocar no indivíduo um pensamento crítico sobre si e sobre o contexto social em que está inserido.

Conforme apresentado, os modelos curriculares seguem métodos e concepções que atendem às demandas sociais de determinado período histórico visando a formação de homem e de mundo. Aqui, objetivamos a exposição desses tipos de currículo, sem o exercício de estabelecer qualquer juízo de valor. Interessa-nos apresentar os aspectos que envolvem a organização de um currículo e como os valores e ideologias são inseridos no documento.

Questões curriculares e a crise da educação na contemporaneidade

Na seção anterior, apresentamos os aspectos que influenciam no modelo curricular integrado e legitimado nas instituições educativas, como as determinações sociais que dependem do modelo social vigente, da cultura, da ideologia e das relações de poder, pois o currículo é espaço de construção de identidade que é organizado de acordo com os interesses de um grupo que domina, determina e padroniza as concepções de mundo a partir de seus interesses.

Sacristán (2000), ao tecer definições sobre currículo, apontou que se trata da expressão do equilíbrio de interesses que envolvem o sistema educativo em um dado momento, a partir disso a educação é moldada e transmitida pelo ensino. Podemos considerar que a formação educacional dos sujeitos implica na ação que eles terão diante a sociedade, daí o forte interesse de determinados grupos de deter o domínio das concepções que serão integradas aos modelos de formação.

Dessa forma, ao discutir currículo e seus aspectos, é oportuno analisar o contexto da sociedade atual, as crises e os conflitos gerados, a forma que se vive e como se estabelecem as relações humanas na estrutura social vigente, o Neoliberalismo⁴. A sociedade passou por diversas transformações nas últimas décadas interferindo em todas as instâncias sociais como na vida social, na família, no trabalho, na escola e até mesmo na formação humana. No entanto, faz-se necessário frisar que tal análise passou a ser possível após a década de 1970 com o surgimento da Teoria Crítica de Currículo que possibilita o avanço em relação a Teoria Tradicional de Currículo, que buscava apenas a disseminação de conhecimentos necessários para o trabalho. Silva (2003) afirma que essa teoria teve Bobbit (1918) como principal representante em um contexto em que as forças políticas, econômicas e culturais almejavam envolver a educação das massas para consolidar sua ideologia. Logo, a teoria tradicional estava a serviço de um grupo hegemônico cujo interesse era dominar as massas.

Desse modo, a teoria crítica de currículo surgiu como uma proposta de romper com a alienação gerada por meio da educação, a fim de promover o pensamento crítico nos sujeitos, para que entendessem a estrutura social desigual em que estavam inseridos.

A teoria crítica é um projeto interdisciplinar que, partindo da teoria marxista de mudança social, foi muito divulgada pela escola de Frankfurt. A sua base é a reflexividade e o interesse emancipatório dos agentes[...]. Apesar de uma fundamentação filosófica inicial, a teoria crítica reconhece-se, hoje em dia, nos mais diversos campos do conhecimento e traduz-se pela “teoria que não reduz a realidade ao que existe” (PACHECO, 2005, p. 91).

A teoria crítica contribui para a área educacional visando uma educação para a emancipação e para a possibilidade de construção do pensamento crítico, ainda, da autorreflexão para que os sujeitos tenham capacidade de resistir aos ditames do capital, rompendo com o interesse dominante que deseja sujeitos impotentes e instruídos para a obediência. Pacheco (2005) considera que a teoria crítica traz à realidade curricular os aspectos mais ocultos das práticas das relações e assim, torna-se possível olhar criticamente para as diversas relações que existem no conteúdo e na forma do contexto das organizações escolares. Na mesma direção considera McLaren (1977, p. 196) ao afirmar que “os teóricos

⁴ Gentili (1996) explica que o neoliberalismo é um projeto hegemônico. Expressa e sintetiza um ambicioso projeto de reforma ideológica de nossas sociedades a construção e a difusão de um novo senso comum que fornece coerência, sentido e uma pretensa legitimidade às propostas de reforma impulsionadas pelo bloco dominante.

críticos se dedicam aos imperativos emancipatórios de conferir poder ao indivíduo e de transformação social”.

O conhecimento técnico predominante da teoria tradicional é sistematizado com vistas ao trabalho, como não promove o pensamento crítico dos sujeitos, contribui para a divisão de classes que limita o trabalhador de uma formação integral. Em contrapartida a visão crítica de currículo “[...] questiona, aponta e promove disposições legítimas acerca dos modelos de ensino dentro de parâmetros estabelecidos” (PAES *et al.*, 2018, p. 5). Portanto, os estudos curriculares têm avançado cada vez mais para a superação da educação instrumental, dessa forma, a teoria crítica está situada no lado das racionalidades contextuais e menos do lado das racionalidades técnicas, isto é, busca romper com a instrumentalidade da educação bem como os conflitos e as crises deixada pela teoria tradicional.

É certo que uma crise possui diversos aspectos e interferências, em se tratando de uma crise no campo da educação solicita uma análise ampla do todo social. Como também o fato de a educação ser utilizada como um instrumento de consolidação e manutenção de ideologias, isso demonstra o poder social do campo educacional. Para Arendt (2007) “A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente[...]” (ARENDR, 2017, p. 234). Essa consideração arendtiana expressa a importância da educação para a constituição da sociedade humana e, também, apresenta a característica renovadora da educação. Se as forças dominantes estão constantemente interferindo nos caminhos educacionais, os educadores podem resistir a partir de mudanças e renovações no ensino, possibilitando conhecimentos e saberes que emancipem os sujeitos que são submetidos à alienação. Entenderemos mais a fundo essas questões ao tratar dos desdobramentos da crise da autoridade para o campo educacional na próxima seção.

A crise da autoridade: desdobramentos no campo educacional

Dado a relevância da educação para a sociedade, a qual integra o todo social por meio das instituições educativas e partilha dos mesmos conflitos e crises sociais, Hannah Arendt (2017) nos provoca a pensar em como uma crise nas relações humanas envolve inclusive os espaços formativos. A autora explica que a crise que impactou na educação tem sua origem na crise da autoridade, quando esta desapareceu da modernidade. As relações públicas e privadas

se modificaram, até mesmo a estrutura familiar se transformou ocasionando uma instabilidade na formação humana das crianças, devido a recusa dos adultos em assumir a autoridade.

Arendt (2017) elucida a questão dessa crise em três pressupostos: o primeiro trata da autoridade que foi dada às crianças, em que ao emanciparem-se da autoridade dos adultos, não foram libertas verdadeiramente, mas submetidas a uma autoridade muito mais terrível e tirânica por integrarem grupos com potenciais de coletivos autoritários. O segundo pressuposto presente na crise, diz respeito ao ensino. A psicologia moderna e o pragmatismo, transformaram a pedagogia numa ciência do ensino em geral. Esse fato resultou em um negligenciamento grave na formação de professores, os libertando da obrigação de possuírem o domínio dos conhecimentos específicos de suas áreas, o que gerou a inexistência de condições formativas para o ato de ensinar e, sobretudo a perda de autoridade.

Neste caso, os estudantes se tornam sujeitos vulneráveis no contexto educacional. O professor tem seu papel de transmissor de conhecimentos e de condutor do processo de ensino e aprendizagem retirado, por esta razão, a sua identidade profissional carece de autoridade. Arendt (2017) preconiza em suas argumentações a importância da autoridade do professor diante de seus estudantes, por se tratar do responsável por os apresentar ao mundo e estimulá-los a agir politicamente.

Nesse processo, de acordo com a autora, os adultos são responsáveis por conduzir as crianças, na fase da vida em que estão, ainda não são capazes de determinar e conduzir o seu próprio caminho. O terceiro pressuposto é relativo à aprendizagem. O mundo moderno adotou conceitos pragmáticos que ditavam que conhecer e compreender não tinham utilidade, ou seja, incentivavam a troca do aprendizado pelo fazer, na mesma direção da teoria tradicional em que a técnica e a preparação para o trabalho eram o foco.

A partir dessa análise, o conceito arendtiano de educação está voltado para a responsabilidade dos adultos em direcionar os mais novos aos caminhos que eles desconhecem. Nas palavras da pensadora “Na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de autoridade” (ARENTE, 2017, p. 239). Nessa concepção, a autoridade – ao contrário de autoritarismo – deve permear as relações entre os adultos e as crianças, no espaço familiar e no espaço escolar, pois as crianças necessitam de um direcionamento porque adentraram em um mundo novo. Além disso, as futuras gerações conduzirão os caminhos da humanidade, por essa razão precisam ser preparadas.

A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 2017, p. 247).

A renovação de um mundo comum requer sujeitos conscientes, enfrentadores do autoritarismo que rege as relações sociais. Se a educação tem esse papel, podemos nos questionar se os processos educativos do mundo moderno têm contribuído para formação humana e de que forma, com quais objetivos os currículos estão sendo elaborados. Analisando os impactos da crise da autoridade, Lara (2007, p. 6) afirma que “Todo enfraquecimento no campo da autoridade abre espaço para a representação autoritária das forças que se expressão através do currículo, como em todos os demais campos político-sociais”.

A quebra da autoridade nos espaços escolares tem resultado diversos casos de violência de estudantes contra professores, entre os estudantes. Os velhos significados de respeito ao outro e convivência estão sendo apagados para dar o lugar a competitividade. A maior preocupação está em transferir o conhecimento sistematizado, assim a formação humana não é contemplada. Lara (2007) afirma que a educação está em crise porque não está cumprindo com o seu papel de formar pessoas autônomas que se integrem a sociedade e o currículo perdeu o seu sentido e o significado para aqueles que têm acesso a ele, assim, há apenas a repetição de rituais educacionais sem nenhuma importância. Desse modo, o currículo e a educação continuam a serviço do capital, impulsionando a competitividade dos sujeitos e a divisão de classes, os que dominam e os dominados, não há igualdade entre os sujeitos.

Nesse sentido, Arendt (1997) apresenta uma perspectiva de vida em que os homens construam juntos um novo mundo com uma verdadeira liberdade. Nessa concepção, a educação assume o seu papel voltado para o pensamento autônomo e para a formação humana, a fim de contribuir para a construção de um mundo colaborativo a partir da convivência. Assim, baseia-se na união dos homens em um espaço público pautado na diversidade cultural, visto que “[...] a forma de percepção das coletividades e o desenvolvimento das diferentes formas de cultura são profundamente marcados pela presença da diversidade cultural (SILVA; COSTA, 2020, p. 260). Portanto, é irreduzível a multiculturalidade em qualquer proposta de currículo atual.

Considerações finais

Ao analisar as questões relativas ao currículo no campo da educação, este estudo recorreu a uma análise a respeito da estrutura social que se transforma à medida em que os processos históricos vão se desenvolvendo, gerando mudanças em todas as instâncias sociais, impactando até nos currículos, pois estes são elaborados e implementados de acordo com o modelo de sociedade estabelecido, com a ideologia dominante, com o contexto social, com a cultura e com as concepções de homem, de mundo, de sociedade, de educação e de conhecimento.

A pesquisa bibliográfica se baseou em teóricos curriculares como McNeil (2001); Moreira (1990, 1997, 2001); Silva (2003); Pacheco (2005); Sacristán (2000), que embora estabeleçam diferentes conceitos e definições sobre currículo, concebem o currículo a partir de uma teoria crítica que busca romper com o currículo tradicional, o qual tem impedido a emancipação dos sujeitos, a fim de promover a manutenção da sociedade dividida em classes e pautada na desigualdade.

Além dos estudiosos da área do currículo, o estudo se fundamentou na teórica política Hannah Arendt, que teceu considerações a respeito da Crise na Educação no mundo moderno, analisando as transformações sociais que ocorreram com a Crise da Autoridade. A autora elucida que a falta de autoridade dos adultos para a formação dos mais novos, implicou no desenvolvimento de sujeitos competitivos, individualistas com atitudes autoritárias. Isso se deu, porque a autoridade tem o papel de direcionar as novas gerações “aos caminhos que eles desconhecem” como Arendt (2017) apontou. No espaço familiar e escolar, as relações entre crianças e adultos devem ser permeadas com responsabilidade, que de acordo com a concepção arendtiana, assume a forma de autoridade.

Contudo, o que se tem visto é o enfraquecimento da autoridade que se estendeu para o campo educacional, em que o currículo perdeu o seu sentido e significado, assim como a educação, que está em crise por não cumprir o seu papel de formar pessoas autônomas que se integrem à sociedade e que respeitem a pluralidade humana. Desse modo, o currículo e a educação continuam a serviço do capital, impulsionando a competitividade dos sujeitos e a divisão de classes, os que dominam e os dominados, logo, nesse cenário, não há igualdade entre os sujeitos.

As contribuições arendtianas nos direcionam para o reestabelecimento da autoridade nos processos formativos, concebendo a educação como a responsabilidade de preparar as novas gerações para os caminhos que desconhecem e que um dia poderão transformar e estabelecer um verdadeiro espaço político, de deliberações conjuntas as quais visam um bem-estar comum. Sendo assim, o currículo deve ir além da mera transmissão de conhecimentos científicos e acadêmicos, que são importantes, mas que ficam vazios e sem significado se não são acompanhados de um processo de formação humana.

Uma crise tão complexa não dispõe de possíveis soluções para a sua superação total, contudo, há caminhos para que avancemos em alguns sentidos na formação humana. Há então, a necessidade de se repensar as formas determinadas de elaboração de currículo, visto que, o modelo tradicional curricular já não se adequa à realidade atual constituída pela diversidade cultural. Desse modo, o caminho requer trilhas opostas ao da marginalização e das mazelas neoliberais que por muito tempo vêm se institucionalizando nas instituições educativas por meio dos currículos tradicionais.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.
- GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo (org.). **Escola S.A.:** quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996.
- LARA, Marcos Rodrigues de. A crise da autoridade na educação. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 2, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3187/2109>. Acesso em: 19 set. 2022.
- MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas:** uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Tradução de Lucia Pellanda Zimmer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.
- MCNEIL, John. **Curriculum:** a comprehensive introduction. Tradução de Camilo dos Santos Filho. Boston: Little, Brown and company, 1984.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Currículo, Cultura e Formação de Professores. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 17, n. 17, p. 39-52. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2066/1718>. Acesso em: 19 set. 2022.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papyrus, 1990.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PACHECO, José Augusto. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PAES, Luciane Rocha; MONTEIRO, Alcioni da Silva; VINENTE, Neila Gonçalves; ALMIEIRA, Janilda Aragão. **Uma reflexão pertinente sobre a Teoria Crítica do Currículo**. In: Congresso Nacional de Educação, V., 2018, Recife. **Anais [...]**. Recife: CONEDU, 2018.

PALMA, Angela Pereira Teixeira Victoria; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli; PALMA, José Augusto Victoria. **Educação Física e a organização curricular**. 2 ed. Londrina: Eduel, 2010.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Penso Editora, 2013.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Alex Sander da; COSTA, Lucas Santiago. Notas marginais sobre subjetividade e educação em tempos modernos líquidos. **Devir Educação**, v. 4, n. 1, p. 250-262, 2020. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/201/117>. Acesso em: 19 set. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SANTOS, Flávia Regina Schimanski dos. **Formação inicial de professores em Educação Física e a Construção da Identidade Profissional Docente**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/cefe/demh/portal/pages/arquivos/TCC/2016/Flavia%20Regina%20Schimanski%20dos%20Santos.pdf> Acesso em: 20 set. 2022.

*Recebido em: setembro/2022.
Aprovado em: dezembro/2022.*